



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO

CLAUDILENE MARIA DA CUNHA
DEBORA HYNGRID GOMES DO
NASCIMENTO

**ENTRE ATRAÇÕES, BRINCADEIRAS E LIMITE AO ACESSO: REFLEXÕES
SOBRE AS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Recife

2023

CLAUDILENE MARIA DA CUNHA
DEBORA HYNGRID GOMES DO NASCIMENTO

**ENTRE ATRAÇÕES, BRINCADEIRAS E LIMITE AO ACESSO: REFLEXÕES
SOBRE AS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial
para obtenção do título de
licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 10/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Viviane Bona (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ramon de Oliveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Lígia Ribeiro Ferreira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

ENTRE ATRAÇÕES, BRINCADEIRAS E LIMITE AO ACESSO: REFLEXÕES SOBRE AS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Claudilene Maria da Cunha¹
Débora Hyngrid Gomes do Nascimento²
Viviane Bona³

Resumo

O acesso às telas pelo público infantil tem crescido a partir das transformações tecnológicas da sociedade. Dessa forma, a presente pesquisa tem por objetivo compreender os sentidos atribuídos pelas mães/pais e responsáveis acerca da presença de telas na primeira infância potencializadas a partir do contexto pandêmico. De caráter exploratório e abordagem qualitativa, a investigação utilizou como instrumento um questionário virtual através do *Google Forms* com questões abertas e fechadas, preenchido por 250 adultos responsáveis por crianças de 0 a 6 anos. Os dados coletados foram categorizados segundo a Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2011). Essa técnica permitiu classificar dois grupos de sentidos: as justificativas do tempo de acesso a telas e a opinião dos colaboradores sobre o uso delas. Como resultado, foi identificado que a estrutura familiar impacta consideravelmente no acesso às telas, porém, existem mães/pais e que não concordam com a exposição recorrente. Poucos aquiescem o uso livre e o maior quantitativo dos colaboradores defendem limitar e supervisionar a utilização das telas pelas crianças, seja ele para uso pedagógico ou entretenimento.

Palavras-chave: Telas; Tecnologias, Infância; Mães e pais responsáveis.

1 Introdução

A tecnologia digital em seus diversos formatos vem ocupando espaço na sociedade com o passar do tempo. Em plena terceira década do século XXI é muito difícil encontrar alguém que nunca ouviu falar na palavra internet, visto que desde que surgiu até os dias atuais ela tem ocupado uma boa parte do tempo da vida das pessoas, sendo utilizada tanto para o trabalho quanto para a diversão. Segundo Pimentel (2017, p. 38), “as mudanças advindas dos avanços tecnológicos e das mídias digitais estão ocorrendo em toda a sociedade, conduzindo-a a novas formas de trabalhar, comunicar-se, aprender, pensar e viver”. Sendo assim, a internet facilita na resolução dos problemas da sociedade atual, otimiza o tempo, diminui a distância, permite uma

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Claudilene.maria@ufpe.br

² Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. debora.hyngrid@ufpe.br

³ Professora do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido orientadora deste artigo. E-mail: viviane.bona@ufpe.br

comunicação mais rápida entre pessoas de diferentes lugares. Por outro lado, pode trazer prejuízos no sentido de causar isolamento social, prejudicar a saúde por falta de controle de seu uso, entre outros aspectos que envolvem inclusive o desenvolvimento infantil.

Os estudos realizados pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) (2019) orientam que crianças de 2 a 5 anos devem passar até uma hora por dia em exposição a telas sempre supervisionadas, porém a nossa realidade mediante a pandemia do Coronavírus, instaurada em 2020, trouxe um novo estilo de vida para as crianças. Mães/Pais trabalhando em *home office* e crianças com aulas remotas ocasionaram um maior tempo de exposição a telas. Contudo, os responsáveis por essas crianças devem prezar pelas habilidades que favoreçam o seu desenvolvimento pleno, garantindo os seus direitos a proteção e ao brincar, visando permitir à criança experienciar diversas situações que lhe proporcionem diversidade de conhecimento. O Núcleo de Ciência pela Infância (NCPI) afirma que:

É importante elucidar o impacto positivo que as interações saudáveis na primeira infância têm na formação dos cidadãos. As experiências e oportunidades de bons relacionamentos, nos primeiros anos de vida, auxiliam na criação de um forte alicerce, gerando valores, habilidades cognitivas e sociabilidade. (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2016, p. 4)

À vista dessa situação contextual e também levando em conta as reflexões acerca do uso de tecnologias difundidas por Pierre Lévy (2010, p. 11) ao afirmar que “[...] estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano”, vislumbramos apreender os pensamentos que giram em torno das crianças⁴ nascidas a partir do ano 2010 e que convivem diariamente com dispositivos digitais. O sociólogo Mark McCrindle (2009) a datar desse período, nomeou de geração Alpha e escolheu representá-la pela primeira letra do alfabeto grego, que significa início, indicando as grandes transformações que aconteceriam através delas.

Mediante discussões apresentadas por Girardello, Fantin e Pereira (2021) e por Nobre et al. (2021), é destacado o uso da tecnologia relacionado ao aprendizado das

⁴ Temos consciência que as crianças vivenciam diferentes infâncias delimitadas por contextos sociais, culturais, históricos e econômicos. Nem todas se relacionam ou têm acesso às tecnologias de forma uniformizada, e, compreendemos assim as limitações que existem quanto a essa realidade.

crianças, e do impacto social gerado em função da exposição de telas, visto que as crianças interagem menos com o meio ambiente e com as pessoas que estão ao seu redor no momento que estão interagindo com algum tipo de tecnologia. Os autores trazem inquietações sobre como esse tema tão atual e que está em desenvolvimento, provocando reflexões a respeito do debate no campo das conexões entre crianças e mídias. Também há estudos (SOUZA; MARQUES; REUTER, 2020), que evidenciam os efeitos negativos sobre a saúde física, devido a cada vez menos as crianças delimitarem o brincar em relação ao movimento do corpo, por estarem paradas interagindo mais com as telas, ou seja, estes e outros estudos falam sobre os prejuízos da exposição tecnológica na vida das crianças. Conforme fomos buscando diferentes direcionamentos sobre o tema, sentimos falta de pesquisas que refletissem a opinião de responsáveis por crianças sobre a tecnologia na primeira infância.

Nosso interesse investigativo advém, portanto, por considerarmos também necessário captar como as mães/pais e responsáveis entendem a presença das tecnologias digitais na vida dos filhos/as, uma vez que, percebendo como eles pensam sobre este tema, nos leva a compreender suas ações mediante a regulação ou não do uso de telas das suas crianças; pois o acesso às telas tem aumentado para essa nova geração que já nasceu imersa na vida digital e que infelizmente viveu uma situação pandêmica no mundo.

Diante dessa problemática e entendendo os pais/mães como mediadores/as nesse processo entre as crianças e as tecnologias digitais, questionamos qual a compreensão dos responsáveis sobre o acesso e uso dos aparelhos eletrônicos no dia-a-dia das crianças e como analisam os seus efeitos? Portanto, traçamos como objetivo geral desta investigação compreender os sentidos atribuídos pelas mães/pais e responsáveis acerca da presença de telas na primeira infância potencializadas a partir do contexto pandêmico. Como objetivos específicos temos: a) identificar quais são os usos tecnológicos feitos por crianças até 6 anos de idade na visão dos pais/responsáveis; b) analisar o que a presença das telas representa na primeira infância na perspectiva de mães/pais e responsáveis.

Partimos do pressuposto de que refletir em como se dá essa inserção das crianças no mundo digital e até que ponto seus impactos afetam sua vida em sociedade, nos permite ponderar as possíveis consequências positivas ou negativas acerca do que

esta influência pode trazer, não com o intuito de suscitar juízo ao seu uso, mas de entender as motivações que levam a essa utilização.

Quanto à organização deste trabalho, a introdução trata das indagações acerca do tema proposto, problemática e objetivos. Em sequência, o referencial teórico aborda sobre a concepção de infância e como a pandemia influenciou no cotidiano quanto ao uso de telas pelo público infantil. Ainda, anuncia-se uma reflexão da relação entre a criança e a tecnologia com seus limites de uso. Na continuidade, encontra-se a metodologia, onde trazemos os caminhos traçados para responder a nossa problemática. Prosseguindo, as análises e resultados da pesquisa estão divididos em duas seções: a primeira trata-se em entender quais tipos de aparelhos e quanto tempo de acesso as crianças possuem no cotidiano, pela percepção das mães/pais e responsáveis. Na segunda seção, vamos entender o que os pais pensam sobre este uso através de suas vivências. Por fim, as considerações finais concebidas acerca dos resultados discutidos.

2 Infância, contexto pandêmico e o uso de tecnologias pelo público infantil

A fim de fundamentar teoricamente nosso olhar, abordamos inicialmente a primeira infância e as implicações do contexto pandêmico nessa fase, seguido da relação entre infância e tecnologia sobre a perspectiva de autores e estudos que debatem tanto o acesso como os limites de uso, seja em um contexto de prevenção ou estratégia de aprendizagem.

2.1 Primeira Infância e o contexto pandêmico

Por muito tempo as crianças foram vistas como seres passivos do processo de socialização, sendo frequentemente ignoradas e desvalorizadas. Como expõe Heywood (2004, p.10), “a criança era, no máximo, uma figura marginal em um mundo adulto”. Estes seres eram moldados pela erudição desta fase, sendo considerados futuros cidadãos que internalizava o conhecimento vigente, não sendo capazes de produzir sua própria cultura. Sarmiento (2000) afirma que as crianças não eram vistas como seres sociais de pleno direito, sendo que a infância passou a ser olhada como categoria social apenas no final do século XX. A percepção da criança como protagonista surge a partir da mudança de pensamento acerca da visão da criança como ator passivo para ator

ativo, produtor de cultura. Embora a concepção de criança e infância não seja atual, o olhar contemporâneo trouxe para ela uma nova visão: “a infância está em processo de mudança, mas mantém-se como categoria social, com características próprias” (SARMENTO, 1997, p. 7).

Para facilitar o processo de construção dessa identidade ativa da criança, Corsaro (2011) traz a expressão “cultura de pares” que é utilizada para dialogar com as culturas infantis no que se refere à interação presencial a partir de um grupo, ou seja, “esta aprendizagem é eminentemente interativa; antes de tudo o mais, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum”. (SARMENTO, 2004, p.9).

A partir destas perspectivas do protagonismo infantil, percebemos como as muitas culturas da infância vêm sendo introduzidas na sociedade contemporânea. A criança do início dos estudos da sociologia não é a mesma criança do século XXI. Em paralelo a isso, são caracterizadas diferentes gerações⁵ na sociedade, indicando que estamos formando uma nova geração que compreende as crianças nascidas a partir de 2010 e se estende até o ano de 2025, que foi denominada por Mark McCrindle (2009) de geração Alpha. Segundo Menetti (2013), a Geração Alpha se configura como terceira geração da era digital, essa geração surgiu trazendo uma diversidade de formas de educação existentes, sendo favorecida pela agilidade que a tecnologia favorece, o que acaba gerando um maior ritmo no seu processo de desenvolvimento. As crianças da geração Alpha acabam exercendo uma certa influência sobre seus pais diante do cenário atual devido a facilidade do acesso, já que elas estão inseridas diretamente nesse universo digital; embora os pais e responsáveis também estejam introduzidos nele como aprendizes, acompanhando essas transformações as quais as crianças já nascem e aprendem a dominá-las. Isso acaba tornando as crianças independentes em seu poder de escolha, o que pode gerar um uso excessivo das tecnologias. Contudo, é necessário analisar o que leva a esse uso, e se os pais avaliam como excessivo ou não, e não apenas culpabilizar os responsáveis pela presença dessas tecnologias no cotidiano infantil. Nessa perspectiva, em concordância com Sarmento (2005, p.373), o que se destaca é o fato de que as crianças são “[...] competentes e têm capacidade de formular interpretações da sociedade, dos outros, e de si próprias, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia”.

⁵ O debate atual sobre gerações consiste em definir nomes a grupos de gerações a partir de faixas etárias e particularidades de cada um destes grupos de acordo com o contexto social e/ou tecnológico vivido.

Além do próprio movimento social de intenso e progressivo uso de tecnologias, no ano de 2019 foi registrado na China o primeiro caso denominado como uma síndrome respiratória aguda grave decorrente do coronavírus (SARS-CoV-2); que se espalhou mundialmente e devido ao seu alto poder de transmissão se configurou em uma pandemia que trouxe consigo diversas mudanças em nosso modo de vida. Tais mudanças provocaram uma nova maneira de viver: novas rotinas, novos métodos de ensino, sendo necessárias diversas adaptações, sem tempo de ensaio. De acordo com dados fornecidos pela Unesco (2020), os mais impactados foram as crianças e os jovens, que precisaram se adaptar a esse novo modelo emergencial, não havendo separação física no ambiente de trabalho, do ambiente escolar e doméstico.

Com as novas regras de convivência e o isolamento físico, as possibilidades de realização de atividades de lazer foram reconfiguradas. Sem os contatos físicos, restou a nossa condição técnica para a vida online (PRECIADO, 2020). Além do ensino remoto adotado como uma medida emergencial pelos governos Federal e Estadual, na tentativa de reparar os danos causados pelo distanciamento social, as crianças tiveram recursos limitados para desenvolver suas habilidades sociais, motoras e sensoriais.

Levando em consideração a presença dos pais no ambiente doméstico, temos em contrapartida a ocupação deles em suas demandas de trabalho. Ou seja, as crianças, além de passarem muito tempo ocupadas (aquelas que possuíam acessibilidade ao recurso) no ensino remoto, também acabaram sendo conduzidas as telas como um modo de distração e diversão. É cada vez mais comum, no mundo atual com o avanço tecnológico, as crianças terem acesso a esses recursos. E isso foi reforçado ao observarmos o contexto pandêmico.

2.2 Da imersão ao acesso aos limites de uso de tecnologias na primeira infância

As crianças têm estabelecido contato com a tecnologia cada vez mais cedo, e estão conectadas a esse universo a partir da primeira infância (de 0 a 6 anos). Isso porque as transformações tecnológicas advindas com o tempo as alcançaram e as deixam cercadas de diversas formas, seja através da TV, celular ou outros instrumentos digitais. Em outras palavras:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a

própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada (LÉVY, 2008, p. 8).

Com base nisso, Buckingham (2010, p.42), fala que “[...] a infância contemporânea está permeada e, em alguns sentidos, até definida pela mídia moderna”. Ou seja, as crianças estão vivenciando infâncias propagadas pela mídia, e modificando as suas interações. Para Souza (2019), as crianças incluídas no universo digital precocemente têm como referência os adultos, que já fazem uso desses meios virtuais, procurando tornar as relações e os compromissos cada vez mais acessíveis.

Sabendo que o acesso às telas e outras tecnologias vem através dos pais ou responsáveis, entendemos que as crianças, desde bebês, já têm essa interação. São exemplos quando alguém tira uma foto da criança, quando adultos estão assistindo a um filme ou fazendo o uso do celular e a criança está no mesmo ambiente; tornando inevitável esse contato, ou seja, a criança está cercada de exposição. As tecnologias digitais permitem um variado e vasto acesso a recursos pedagógicos para o seu desenvolvimento, por outro lado ela priva a criança desse contato físico, do convívio social e do desenvolvimento da sua imaginação (ESTIGARRIBIA, 2018).

Setzer (2014) cita como efeitos negativos problemas relacionados à saúde como aumento de peso, ocasionando obesidade, falta de qualidade do sono, diminuição da atividade mental, má alimentação e inatividade devido ao grande tempo que se passa em frente às telas. Respectivo ao grande fluxo da informação e a velocidade em que se apresenta, isso pode gerar um mix de sentimentos e despertar de impressões sensoriais que ocasionam em problemas de ansiedade e hiperatividade, prejudicando o desenvolvimento do senso crítico e imaginação, por exemplo.

Pensando por outra perspectiva, a tecnologia promove acesso ao conhecimento, e isso facilita a informação, a imersão em conexões no ensino, no dia a dia, a qualquer momento e em qualquer lugar, podemos afirmar isto da seguinte maneira:

As novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem, de casa, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar “fora” – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento (GADOTTI, 2000, p. 7).

Ainda de acordo com Souza e Souza (2010) e Oliveira e Marinho (2020), essa ferramenta de informação que é a tecnologia na infância tem sido vista como positiva pela melhoria que apresenta no desenvolvimento cognitivo e atividades psicomotoras, reavaliando o sentido de suas aprendizagens.

Porém, é necessário se estabelecer limites a esse uso, pois essa ação sem supervisão pode ser prejudicial. “Equilibrar as horas de jogos online com atividades esportivas, brincadeiras, exercícios ao ar livre ou em contato direto com a natureza é garantir insumos para o crescimento e desenvolvimento com afeto e alegria” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 03).

Desta forma, existe uma necessidade de conhecer e inserir através desse cenário diversos recursos tecnológicos como novas formas de aprendizagem no universo infantil, tanto como instrumento pedagógico como também atividades lúdicas de entretenimento, sempre tendo atenção ao uso adequado pela faixa etária.

3. Delineamento Metodológico

A presente investigação é de caráter exploratório e de abordagem qualitativa. Vieira e Zouain (2005), afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Sendo assim, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem. De acordo com Minayo (2014, p. 57), a pesquisa qualitativa possibilita explicitar as relações, as percepções e opiniões e “os produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, sentem e pensam”.

Nesta pesquisa utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário. Parasuraman (1991), afirma que o questionário é uma junção de questões, elaboradas para gerar os dados essenciais com intenção de alcançar os objetivos da investigação. Os participantes deste estudo foram pais, mães e responsáveis por crianças de 0 a 6 anos, e o único critério estabelecido para a participação era o respondente ser pai, mãe ou responsável por crianças nessa faixa etária de idade.

A ferramenta utilizada para suporte e envio do instrumento foi um formulário virtual construído no *Google Forms*, tendo em vista que por meio dele é possível alcançar um número considerável de respondentes. Vale salientar que o “*Google*

Forms” possibilita acesso em qualquer local e horário; oferece agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; afora a facilidade de uso entre outros benefícios. Em síntese, o “*Google Forms*” pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial para a coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pesquisa” (MOTA, 2019, p. 373).

Como meio de divulgação da pesquisa usufruímos das redes sociais (Instagram e Whatsapp) para disponibilizar o *link* do formulário e atingir o número de pessoas colaboradoras. No dia 13 de janeiro de 2023, foi dado início ao compartilhamento da pesquisa, e no dia 21 de janeiro alcançamos a marca de 250 respondentes. Observamos que houve saturação (repetição) das respostas e, então, finalizamos a coleta. Percebemos que o método de divulgação foi muito eficaz, pois dentro de um curto tempo obtivemos um número considerável de colaborações, visto que a nossa sociedade está facilmente utilizando as redes sociais, e, acreditamos, devido à praticidade do instrumento utilizado para realizar a coleta.

Foi também observado durante o processo de coleta de dados grande interesse por parte dos respondentes sobre o tema, que foi evidenciado pelo retorno rápido e *feedbacks* recebidos após responderem a pesquisa. Produzimos o questionário com 12 questões, dentre elas, questões abertas e fechadas; ao direcionar perguntas voltadas para crianças que fazem o uso de telas ou tecnologias no geral, percebemos a necessidade de acrescentar a opção do não uso de telas, devido aos *feedbacks* recebidos por alguns colaboradores no período teste.

Acerca do que foi perguntado aos participantes, eles responderam questões sobre o bairro em que residem, grau de escolaridade, precisaram informar qual a idade da criança da qual se referiam ser os responsáveis, e qual o grau de parentesco entre ele(a) e a criança. Nas perguntas mais direcionadas ao tema, os respondentes replicaram sobre quais aparelhos a criança possuía acesso, como elas utilizam os aparelhos, quanto tempo de acesso elas têm por dia e quais as razões que justificam esse tempo de acesso; havia também uma questão em que compararam o tempo de uso de telas atualmente e o tempo de uso de telas durante o isolamento social em função da pandemia; quais as principais atividades feitas pela criança durante o isolamento social e atualmente, e, por fim, o que eles pensam sobre o uso de tecnologia pelas crianças. Perguntas essas que facilitam a nossa compreensão sobre o que compartilham acerca do tema.

Encerrada a coleta, iniciamos a análise dos dados por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Esse tipo de análise nos permite um olhar aprofundado acerca de determinado tema devido à sistematização dos dados por categorias. A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011), está estruturada em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização e codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Após a fase inicial, partimos para a elaboração das categorias de análise, que aconteceu a partir do conteúdo das questões abertas, agrupando temas presentes naquelas mensagens. Após a leitura de todas as respostas em cada questão, fomos reagrupando as iguais e semelhantes, para que assim facilitasse o entendimento e as inferências que traremos nos resultados. Os conteúdos desses agrupamentos (categorias) eram nomeados a partir dos sentidos contidos nas respostas.

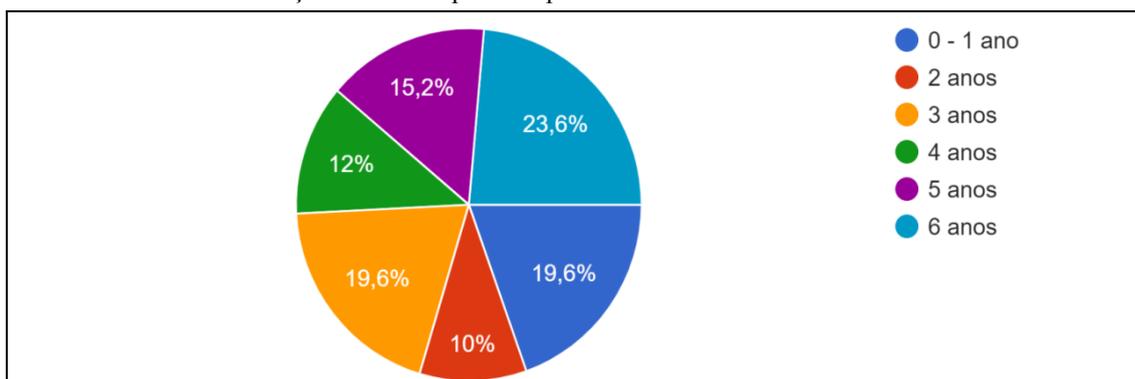
Já o conteúdo das questões fechadas foi organizado quantitativamente e representado através de gráficos que corroboram para entender o que mais se realiza ou o perfil de participação, que também é interesse deste trabalho.

4. A tecnologia na vida infantil: usos e sentidos compartilhados por mães/pais e responsáveis

O grupo que voluntariamente colaborou com a coleta de dados foi formado por mães em sua maioria, contando também com a participação de pais e responsáveis (avós, tios, outros parentes e cuidadores) de crianças de 0 a 6 anos de idade. Relacionado ao grau de escolaridade a predominância deste grupo refere-se a: ensino médio completo (85 pessoas), ensino superior incompleto (42 pessoas), superior completo (51 pessoas) e pós-graduação (53 pessoas). A maior incidência de respostas são de bairros adjacentes de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes. Nenhum dado dos respondentes foi desconsiderado por erro das informações contidas no questionário, sendo assim consideradas as 250 respostas recebidas.

Acerca da idade das crianças a que se referiram ser responsáveis, identificamos que sobressaíram-se os respondentes que são mães/pais ou responsáveis de crianças com idade de 6 anos sendo eles 59 pessoas no total. Chamou atenção o fato de 49 pessoas serem responsáveis por crianças de 0 a 1 anos e também de 3 anos, conforme caracterizado no gráfico 1.

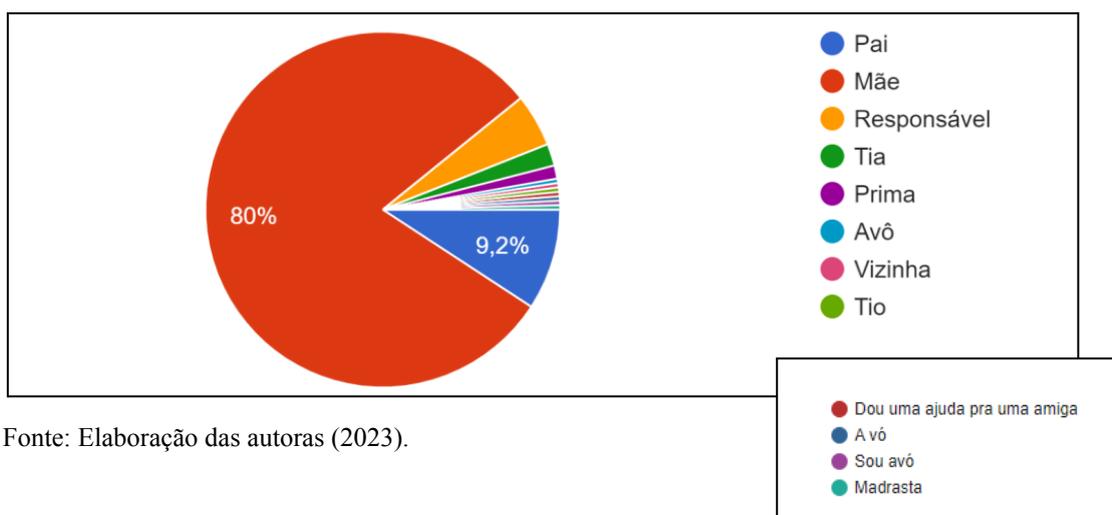
Gráfico 1 - Idade das crianças informado pelos respondentes



Fonte: Elaboração das autoras (2023).

Em relação ao grau de parentesco tivemos a maior participação por parte das mães, correspondendo a 200 pessoas, 23 pessoas correspondem aos pais e os demais equivalem a outros graus de parentesco como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 - Grau de parentesco dos respondentes com as crianças em que se referiam



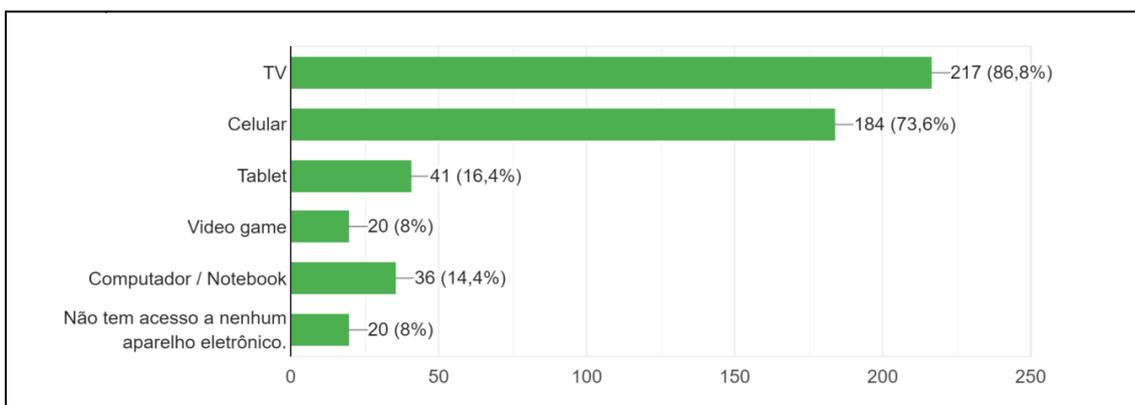
Fonte: Elaboração das autoras (2023).

Merece destaque o fato das mães terem sua maior participação, uma vez que as mulheres são historicamente responsáveis por seus filhos. Apesar das transformações em relação à estrutura familiar, ainda subsiste a atribuição da responsabilidade da mulher como cuidadora. De acordo com estudos de Fiorin, Patias e Dias (2011), apesar das mudanças históricas, e a mulher ocupar diversos espaços na sociedade, ainda assim lhe é atribuída a maternidade como sua maior responsabilidade, reforçando o modelo patriarcal de família. Desta forma, percebemos que até os dias atuais a presença materna

é notável na questão do cuidado das crianças de forma direta, como mostram os dados coletados.

Quando questionamos acerca de quais aparelhos tecnológicos as crianças fazem uso temos a televisão como recorde de respostas, chegando a 217 dos respondentes, seguido do celular com 184 respostas e em terceiro lugar o tablet com 41 respostas, nessa questão as pessoas poderiam marcar mais de uma alternativa. Trazemos todas as alternativas possíveis com a sua porcentagem de escolha no gráfico 3.

Gráfico 3 - Acesso a telas feito pelas crianças

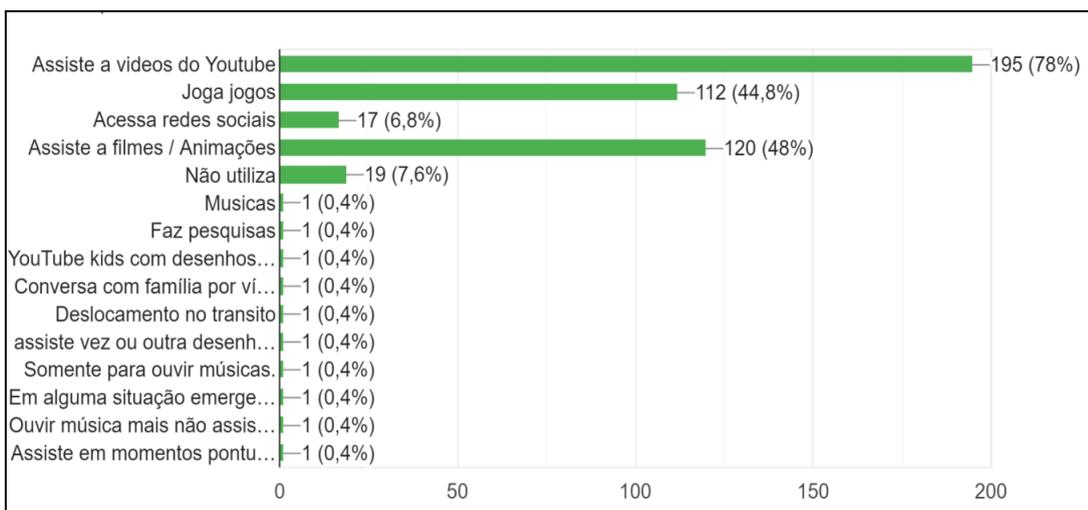


Fonte: Elaboração das autoras (2023).

Atentando aos dados coletados, a televisão se destaca como o aparelho tecnológico mais utilizado, confirmando o que diz Buckingham (2007) que a partir do século XX o aparelho tecnológico mais utilizado pelas crianças é a televisão. A partir desta informação, é ratificado o que diz Buckingham quando afirma que a infância é muitas vezes determinada pela mídia, uma vez que o acesso a programação de televisão está ligada a propagandas e comerciais tendenciosos que influenciam em sua maneira de pensar e se comportar na sociedade.

No que diz respeito em como as crianças usam os aparelhos tecnológicos, o acesso ao aplicativo do *youtube* assistindo vídeos foi indicado como o mais utilizado, com cerca de 195 respostas. Em seguida, consta a visualização de filmes e animações, condizente a 120 das respostas e em terceiro lugar jogando jogos correspondendo a 112 respostas. Nessa questão, também poderiam ser marcados mais de uma opção de resposta. Esses dados estão no gráfico 4 a seguir.

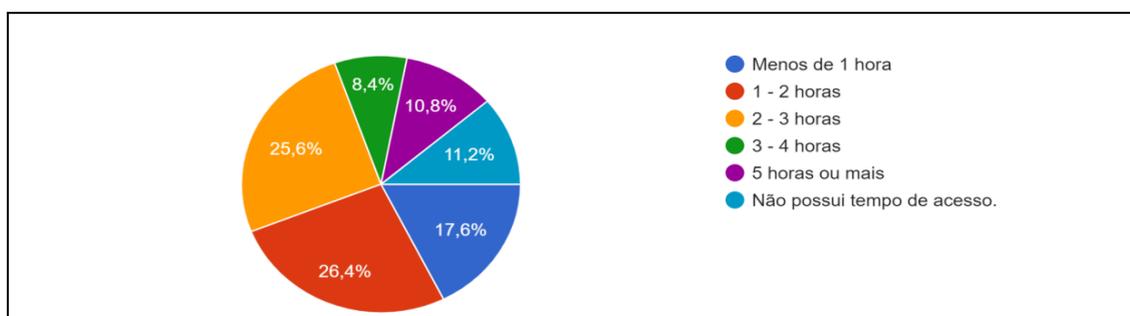
Gráfico 4 - Forma de utilização dos aparelhos tecnológicos pelas crianças



Fonte: Elaboração das autoras (2023).

Levando em consideração o que analisamos acima em relação ao acesso e utilização dos aparelhos tecnológicos, verificaremos a seguir quanto tempo de acesso diário às crianças passam frente às telas, conforme o gráfico 5.

Gráfico 5 - Tempo de acesso das crianças a aparelhos eletrônicos



Fonte: Elaboração das autoras (2023).

De acordo com o questionário, cerca de 44 pessoas afirmam que as crianças passam menos de uma hora de acesso a telas em seu dia-a-dia. O tempo de utilização dos aparelhos apresentados, que obteve o maior número de resposta com 66 pessoas respondentes, corresponde ao tempo entre 1 - 2 horas, seguido de 64 respostas que corresponde ao tempo de 2 - 3 horas. O tempo de acesso de 3 a 4 horas obteve um total de 21 respostas. No que diz respeito ao tempo de 5 horas ou mais, tivemos o equivalente

a 27 respostas. Baseado no manual de orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP):

[...] o limite de tempo para crianças estarem em contato com esses aparelhos são determinados pela faixa etária, sempre com supervisão: Menores de 2 anos: nenhum contato com telas ou videogames; dos 2 aos 5 anos: até uma hora por dia; dos 6 aos 10 anos: entre uma e duas horas por dia. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019, p. 7).

Analisando os dados de acordo com o tempo de acesso a aparelhos tecnológicos, apenas 28 crianças, não utilizam as telas durante o seu dia-a-dia. A maioria dessas estão na faixa entre 0 e 2 anos, o que significa que estão de acordo com o que propõe a SBP quanto ao limite de exposição diária. Salvo em alguns casos perante uma situação declarada pelas mães/pais “emergencial” as crianças têm acesso a algum tipo de tela, dentre elas, duas mães apenas que pontuaram permitir o uso nessas condições: realização de afazeres domésticos ou em casos de extrema necessidade. Também identificamos algumas crianças de outras idades que não possuem tempo de acesso a telas, duas crianças de 5 anos e uma de 6 anos; semelhante ao que foi pontuado acima. Apenas uma criança de 4 anos e duas de 3 anos de idade, possuem acesso em situações pontuais, sinalizadas pela mãe.

No que se refere às crianças que passam 5 horas ou mais em frente às telas, percebemos que fazem parte do grupo de crianças entre 5 a 6 anos, ou seja, de acordo com os dados, as crianças maiores possuem mais tempo de acesso. As justificativas para esse tempo de uso são diversas, conforme pontuado pelas mães/pais e responsáveis apresentados a seguir: Trabalho, distração, falta de tempo, falta de criatividade, o uso de tecnologias para a criança se acalmar, organização da casa, sentimento de segurança por estar dentro de casa, entre outras.

Para entender melhor o porquê acessam o tempo indicado, categorizamos as respostas que nos trazem esses argumentos. Iremos nos referir aos participantes com a letra “C” (colaborador) seguido do número de ordem da resposta. Portanto, foram criadas a partir das justificativas do tempo de acesso às telas e/ou aparelhos tecnológicos, sete categorias. São elas: 1 Entretenimento - o que os pais entendem como um tempo de divertimento; 2. Tempo livre e tempo estabelecido - que traz a questão do controle do tempo em que as crianças passam frente às telas, seja ele limitado ou fracionado pelos pais; 3. Não têm acesso - se refere aos pais que não permitem por

entenderem que o uso seja prejudicial; 4. Serviços domésticos - descreve as respostas dos pais que não possuem uma rede de apoio e precisam dar conta dos afazeres da casa; 5. Brincar - expõe a justificativa dos pais sobre o estímulo por meio do lúdico; 6. Ficar quieto(a) - dispõe dos pais que têm a necessidade de manter a criança quieta; e 7. Falta de opção - atrelada a falta de tempo, pais que trabalham e não possuem outra alternativa a não ser disponibilizar as telas.

O quadro 1 apresenta cada categoria com os temas que são as palavras que representam o agrupamento das respostas por aproximações, resumindo, assim, a justificativa dos pais sobre o tempo estabelecido ou não. A categoria mais mencionada foi a “tempo livre e tempo estabelecido” com o total de 63 respostas.

Quadro 1 - Justificativa do tempo de acesso a telas e/ou aparelhos tecnológicos

CATEGORIA	TEMAS
ENTRETENIMENTO	Assistir, filmes, jogar, música, vídeos, cultura.
TEMPO LIVRE E TEMPO ESTABELECIDO	Tempo, limitação, fracionamento, disponibilização, controle, permissão.
NÃO TEM ACESSO	Não, prejudicial, não se aplica, não possui.
SERVIÇOS DOMÉSTICOS	Casa, higiene, alimentação, rotina, atividades diárias.
BRINCAR	Estímulo, Diversão, Desenvolvimento, Prioridade.
FICAR QUIETO(A)	Distração, distrair, parar.
FALTA DE OPÇÃO	Trabalho, falta de apoio, ocupação, espaço, falta de amigos.

Fonte: Elaboração das autoras (2023).

Analisando o quadro acima, confirmamos o que diz Buckingham (2007), que apesar das crianças viverem em famílias consideradas nucleares tradicionais, elas passam cada vez menos tempo com os seus pais, ficando sob cuidado de terceiros, sendo mais provável ainda que elas não tenham irmãos que lhe façam companhia.

No quadro 1 percebemos como essa assertiva é confirmada nas respostas recebidas, que destacam que algumas crianças possuem esse tempo de acesso devido a falta de opção de lazer, como: espaços para brincar ao ar livre, limitação do espaço da casa, companhia de outras crianças seja familiar ou amigo.

Outras questões muito relevantes quanto ao tempo de acesso, são a necessidade de os pais trabalharem fora e a responsabilidade do cuidado ser dada a outra pessoa de

confiança, sejam eles parentes ou não. De acordo com as organizações familiares atuais muitas mães precisam trabalhar e acabam não conseguindo manter o “controle de acesso” como gostariam, em uma fala do questionário, a colaboradora, C - 147 afirma: **“Ela fica com outra pessoa pra eu trabalhar e para distraí-la usam o celular”**.

Em paralelo a isso, temos as mães que não trabalham fora, mas que não possuem rede de apoio e acabam recorrendo ao uso das telas para que consigam realizar seus afazeres domésticos como afirma a C - 249: **“Como mãe não tenho rede de apoio e termino recorrendo ao uso de telas para poder fazer algum dos afazeres domésticos.”** É importante levar em consideração quando o assunto é o tempo de acesso a telas que as crianças têm, uma vez que nem todas as famílias contam com uma rede de apoio para que mães, pais ou responsáveis consigam colocar em prática a forma como pensam sobre o assunto. Vimos, de acordo com as respostas, que vários familiares entendem as consequências da exposição, porém com as diversas necessidades da rotina, acabam recorrendo a esse recurso. Isso corrobora as famílias contemporâneas que começaram a integrar o uso da internet em seu cotidiano e com isso entendem as facilidades e desafios que essa ferramenta proporciona (WAGNER; MOSMANN; DELL’AGLIO; FALCKE, 2010).

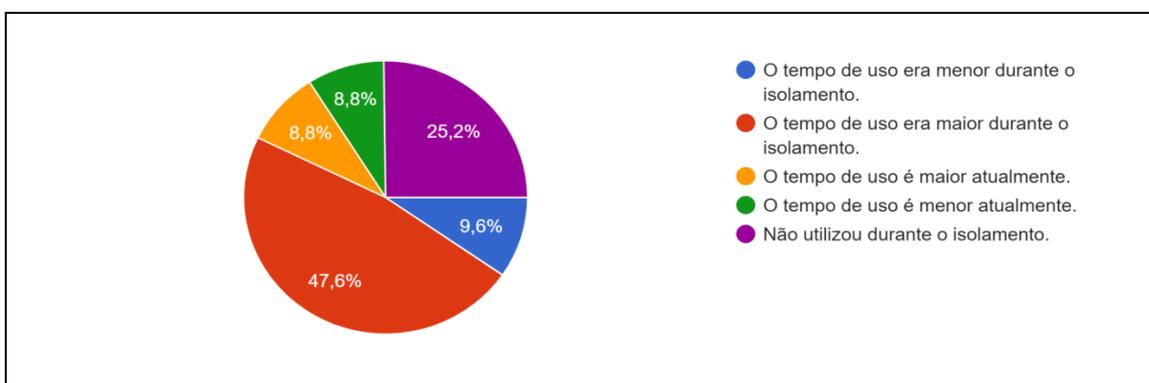
Alguns colaboradores trouxeram que o tempo de acesso varia de acordo com os dias, não existe um tempo estabelecido de acesso diário. Tem dias que o acesso é maior, enquanto outros dias o acesso é menor, como mostra essa fala da participante C -64: **“De acordo com a logística do dia, esse tempo é fracionado, então estou dando uma média, não sei precisar o tempo do acesso diário. Tem dias que o tempo é menor”**. Pensando assim, podemos inferir que o uso das telas depende muito das demandas do dia, assim como vimos acima em relação aos afazeres domésticos.

Em contrapartida, obtivemos respostas quanto à limitação de tempo do uso de telas, em que os pais demonstram certa preocupação em relação a esse período, como podemos observar nesta fala da C-2: **“Porque eu e meu marido entendemos a importância de fazer outras atividades fora das telas. Brincadeiras que estimulem ela de diferentes formas, inclusive fisicamente.”**, e também em outra fala onde a mãe discorre em como faz a mediação dessa utilização, como diz a C-47: **“Para desenvolver habilidades e competências, tais como: controle das emoções, motricidade fina, atenção, raciocínio lógico matemático, estética, planejamento e estratégia, apesar dele achar que está brincando. É uma estratégia monitorada para complementar as ações da escola.”** É possível perceber de acordo com a primeira fala a estratégia usada para que a criança tenha certo limite e

possa utilizar o tempo de diversas formas, como por exemplo, explorando o ambiente através de brincadeiras, o que reforça a segunda fala na questão de direcionamento quanto ao uso, em que a mãe entende a presença da tecnologia como aliada e a utiliza como recurso de desenvolvimentos das habilidades citadas. Segundo Patrão, Machado e Brito (2016), é importante que os pais deliberem regras para o uso da tecnologia dentro e fora de casa, resguardando as crianças de situações de perigo.

Quanto à análise do tempo de uso das telas antes e após o isolamento social, obtivemos as seguintes respostas como demonstra o gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6 - Comparação do tempo de uso das telas antes e após o isolamento social



Fonte: Elaboração das autoras (2023).

De acordo com os dados coletados 119 mães/pais afirmaram que o tempo de uso de telas era maior durante o isolamento social, em contrapartida 24 respostas atestaram que o tempo de uso de telas durante o isolamento social era menor. O que nos chamou atenção foi a resposta de 63 mães/pais que afirmam que as crianças não fizeram uso de telas durante o isolamento social. Percebemos que majoritariamente essas crianças possuem idades entre 0 a 2 anos, podemos concluir que durante a pandemia essas crianças ainda não eram nascidas, ou eram bebês. Quando questionados acerca das atividades realizadas pelas crianças tanto durante o isolamento social como após ele, observamos que as crianças não deixaram de realizar atividades como: brincar de boneca, jogos educativos, assistir vídeos, desenho e pintura, futebol, jogos eletrônicos, brincar de carros, brincadeiras que envolvem movimento como andar de bicicleta, entre outras. Contudo, as atividades escolares passaram a acontecer de forma remota e as crianças incluíram no seu cotidiano mais essa atribuição. Ou seja, as atividades escolares frente às telas se somam aos acessos já utilizados naturalmente antes do

isolamento, o que nos faz refletir sobre o número de respostas do tempo de uso ser maior durante o isolamento social.

4. 1 Reflexões sobre o uso de telas na primeira infância: posicionamento das mães/pais e responsáveis

Partindo da percepção das mães/pais e responsáveis sobre como eles pensam o uso de telas por crianças, elencamos cinco categorias, que foram delimitadas a partir da mesma opinião sobre o assunto. Por haver saturação das respostas, aproximamos cada descrição sobre o tema, que estão apresentadas no quadro 2:

Quadro 2 - Categorias criadas a partir da opinião dos colaboradores sobre o uso de telas/tecnologia

1º	Mães/Pais e responsáveis que concordam com o uso livre das telas;
2º	Mãe/Pais e responsáveis que não concordam com o uso das telas;
3º	Mãe/Pais e responsáveis que concordam com o uso de telas com tempo delimitado e direcionamento;
4º	Mãe/Pais e responsáveis que não concordam totalmente mas as crianças fazem utilização;
5º	Mães/Pais e responsáveis que não tem opinião formada.

Fonte: Produção das autoras (2023).

A primeira categoria apresenta a opinião das mães/pais e responsáveis que concordam com o uso livre de telas. Dentre as falas relativas a essa temática, conseguimos agrupar 9 respostas semelhantes. Os respondentes em questão normalizam o uso de telas, em suas falas trazem termos que confirmam sua opinião, como por exemplo, afirmando que as crianças dessa geração já nasceram imersas no mundo digital e que fica indissociável fazer essa separação. Como declara a mãe C - 62: **“Acho que conforme o mundo vai se atualizando, nós vamos nos adequando ao momento atual. E a nova geração nasceu com uma tecnologia muito avançada e de fácil acesso, acho que é compreensível elas terem preferência por atividades mais voltadas à área tecnológica.”** Para isto, Pierry Lévy (2010) afirma que:

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais como suporte digital

redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza. (LÉVY, 2010, p. 172).

Dentre os que concordam com o uso livre de telas também destacamos: **“Acho que na teoria tudo é muito lindo, mas a tecnologia ajuda as mães a conseguirem dar conta das atividades domésticas”** (C - 37). Com a fala dessa mãe percebemos o quanto as telas acabam sendo um meio alternativo para que as mães consigam realizar os afazeres domésticos, ou seja, o uso livre como uma condição. Isso confirma o que foi falado anteriormente sobre a justificativa do tempo de uso, classificadas no quadro 1.

A segunda categoria aponta a opinião das mãe/pais e responsáveis que não concordam com o uso das telas. Sabemos que apesar da presença de recursos tecnológicos, existem pessoas que não concordam com sua imersão na vida das crianças. Nesta classe, obtivemos um total de 56 respostas. Levamos em consideração: mães/pais que não concordam devido a idade dos filhos em questão da recomendação feita pela SBP e mães/pais que não concordam pelo fato de acharem prejudicial. Muitos pais relacionam as telas ao fator negativo por privar as crianças do tempo de desenvolvimento através do brincar, prejudicando a sua interação e imaginação. Sobre a questão da idade, uma mãe afirma: **“Minha bebê tem 6 meses e não tem acesso a telas. Acho prejudicial para o desenvolvimento social e cognitivo dela. Acredito que as crianças não deveriam ter acesso ao celular.”** (C - 156). Essa mãe percebe o uso prejudicial, pois segue as recomendações citadas anteriormente sobre o tempo de acesso, o que é positivo, visto que crianças de 0 a 2 anos de idade o uso não é recomendado. Em relação à opinião sobre não permitir o uso de telas por achar inapropriado, destacamos as seguintes falas da C - 48: **“Acredito que não seja algo necessário e que é muito maléfico para o desenvolvimento infantil, privando ela de viver e se desenvolver em uma das fases mais importantes da vida que é a infância.”** Como também a C - 23: **“Algo desnecessário, pois tira o foco e a curiosidade do mundo e acaba deixando a criança presa nessas tecnologias, podendo atrapalhar seu desenvolvimento”**. Através dessas falas podemos inferir a luz de Corsaro (2011) em relação a construção da identidade da criança com a expressão cultura de pares, onde a criança reinventa e reproduz o mundo ao seu redor. Fica claro a preocupação dos pais em como o uso de telas podem atrapalhar o desenvolvimento na infância, fazendo com que a criança perca o prazer pela curiosidade que proporciona, por exemplo a investigação, explorar novos conhecimentos e o mundo

ao seu redor. Em entrevista concedida a Calixto, Luz- Carvalho, Citelli (2020) Daivid Buckingham expõe:

[...] agora, as nossas próprias relações pessoais com amigos e familiares passaram a ser influenciadas pelos meios digitais. Quase tudo é mediado de alguma forma. Se queremos preparar as crianças para este mundo, precisamos constantemente ensiná-las sobre a mídia. (CALIXTO, LUZ-CARVALHO, CITELLI, 2020, p. 129)

Ou seja, embora haja a negativa do uso de telas, a partir desta fala entendemos a importância da mediação como forma de ensinamento, com a ação por parte dos pais quanto ao tempo de uso. O que nos leva a nossa terceira categoria, em que agrupamos as respostas de pais que concordam com o uso, porém de forma supervisionada, delimitando o tempo de acesso.

Esta categoria foi o grupo no qual obtivemos o maior quantitativo de opiniões, chegando a 153 respostas, em que os pais expuseram suas concepções sobre o uso adequado das telas. Segundo eles, a adequação seria permitir o uso após a idade orientada, mas com um direcionamento e supervisão, não apenas a exposição pela exposição, mas que também haja funcionalidade no acesso. Podemos ver uma das respostas que explicita esta opinião, C - 17 expõe: **“Acredito que o uso deve ser consciente e na idade apropriada, tendo em vista os estudos e pesquisas realizadas sobre o assunto, não é indicado o uso de telas até os 24 meses. Então, penso que precisa ser pensado esse uso após esse período, com monitoramento e cuidado com o excesso e a não utilização antes como indicado. Para não prejudicar o desenvolvimento infantil e acarretar problemas de saúde em nossas crianças.”** Nesta fala podemos perceber o cuidado e preocupação da mãe, não apenas na parte do desenvolvimento cognitivo de sua criança, como também no cuidado com a saúde física, visto que o uso excessivo também acarreta em malefícios no corpo, que segundo os autores: “Em decorrência de estilos de vida inativos, hábitos sedentários estão ligados ao tempo de tela” (SOUZA; MARQUES; REUTER, 2020, p. 2). Esses hábitos sedentários é que prejudicam o desenvolvimento físico quanto cognitivo de crianças, reafirmamos isso com a explanação de outra mãe, C - 31 diz: **“Acho que aparelhos eletrônicos podem ser usados a depender da idade, mas sempre com moderação. Acredito que o exagero pode prejudicar o desenvolvimento saudável da criança (sono, imaginação, atenção, criatividade).”** Ou seja, é preciso que os pais estejam atentos aos sinais que suas crianças apresentam e perceberem quando esse uso pode estar interferindo em seu desenvolvimento.

Analisando mais uma opinião apresentada pelos pais, temos a C-121: **“Entendo que o uso de telas em excesso se torna prejudicial ao desenvolvimento das crianças, por diversos motivos, entretanto acredito também que a privação total não faça tanto sentido considerando a sociedade altamente tecnológica na qual estamos incluídos. As crianças precisam ser estimuladas em todos os aspectos, por isso considero que o uso limitado e monitorado seja de certa forma positivo. Ainda mais quando falamos de responsáveis que precisam cuidar das crianças enquanto dão conta de outras demandas”**. Assim como sugere Buckingham (2007, p.65-66):

Longe de como vítimas passivas das mídias, as crianças passam a ser vistas como dotadas de uma forma poderosa de ‘alfabetização midiática’, uma sabedoria natural espontânea de certo modo negada aos adultos. As novas tecnologias de mídia, em especial, são consideradas capazes de oferecer às crianças novas oportunidades para a criatividade, a comunidade, a auto-realização.

Buckingham aborda nesse enunciado essa “sabedoria espontânea” que é negada pelos adultos, as crianças em questão, consideradas da geração Alpha, apresentam essa característica, uma naturalização em relação a presença de telas, ou seja, elas conseguem acompanhar as mudanças tecnológicas com mais facilidade, como bem observado pela fala da mãe acima.

Das diversas formas de utilização das telas, uma fala nos chamou atenção por identificar o aproveitamento do recurso de forma positiva enquanto profissional (professora), e também evidenciando sua forma de pensar enquanto mãe, ao responder sobre sua opinião, C - 250 afirma que: **“Depende para que fim utilizamos, como professora utilizo para exemplificar e validar algum conteúdo através de vídeos ou jogos. Como mãe de um bebê não gosto muito, acho que a criança fica recebendo algo muito mastigado, não utiliza partes do cérebro que estimulam a criatividade.”** Isto nos faz refletir em como esses recursos podem potencializar o trabalho pedagógico em sala de aula, visto que a escola é um ambiente de construção de conhecimento e as crianças estão cada vez mais inseridas no mundo tecnológico. Afirmando essa idéia, vemos que:

[...] num ambiente que é cada vez mais dominado pela proliferação da mídia eletrônica e das demandas e dos imperativos da cultura de consumo, a escola precisa, com urgência, assumir um papel mais proativo. A tecnologia talvez possa dar sua contribuição, embora não o faça espontaneamente. Em suma, precisamos parar de pensar nessas questões em simples termos tecnológicos, e começar a ter ideias novas sobre aprendizagem, comunicação e cultura. (BUCKINGHAM, 2010, p. 55)

Como profissional, a resposta da mãe trouxe benefício ao uso, já como mãe não foi tão positivo assim, mas percebemos que mesmo “não gostando muito” assim como afirma, ela é adepta do recurso, ou seja, a utilização é feita no momento adequado com o direcionamento correto dentro das suas perspectivas. Isso mostra que é possível fazer uso de telas com equilíbrio sem restringir a criança do contato com ela.

A quarta categoria fala sobre mãe/pais e responsáveis que não concordam totalmente, mas as crianças fazem utilização. Este grupo de respondentes totalizou 35 respostas. Os respondentes manifestaram o que pensam sobre o tema informando que mesmo não concordando, acabam cedendo ao uso por diversas razões, dentre elas uma mãe C - 108 afirma: **"Sei que não é bom ficar assistindo passivamente por horas, porém é uma alternativa utilizada pelos pais e responsáveis para entretenimento uma vez que brincar nas ruas ou nos prédios não é tão seguro como antes por questões de violência. Além de questões de logística de tempo dos pais que precisam trabalhar muito para obter um retorno financeiro que possibilite sobreviver"**. Essa mãe levantou questões que enfatizam as transformações da sociedade, visto que a maneira de brincar das crianças de uma década atrás não é a de hoje. Para além disso, expressa também o cotidiano de muitas famílias, que no modelo atual ambos (pais e mães) precisam trabalhar, e as crianças acabam se expondo um pouco mais as telas para que a rotina de sua família seja consolidada, já que existe a falta de tempo, como já discutido neste estudo anteriormente. Reafirmando este ponto de vista, outra mãe diz a C - 176: **"Sei que interfere no desenvolvimento, mas dentro da rotina corrida e cansativa que é exigida aos pais acabamos cedendo o uso de telas."** Desta forma, entendemos as razões que levam muitas famílias cederem a essa exposição, muitas vezes exagerada, já que cada família possui uma configuração, são afetadas de maneira diferente na sociedade quando tratamos desse tema.

A quinta e última categoria, mostra um pequeno grupo de mães/pais e responsáveis que não tem opinião formada sobre o assunto. Dentre as respostas, apenas 4 pessoas definiram seu ponto de vista com “Não sei”, não permitindo assim analisarmos de maneira mais aprofundada.

5 Considerações Finais

Levando em conta a chegada da internet e com ela a otimização do tempo, o encurtamento de distâncias e a facilidade de comunicação, permitiu que esse grande

avanço tecnológico se solidificasse e transformasse múltiplas gerações. Posto isto, foi se estabelecendo novas formas de viver e pensar. O uso de telas pelas crianças tornou-se algo atual e que se intensificou com o período pandêmico que vivemos a partir do ano de 2019. Desta forma, famílias se reinventaram e começaram a se adaptar com a assiduidade dos aparelhos tecnológicos. Por meio da pesquisa, reafirmamos que vivemos em realidades diferentes e que cada família possui sua própria estrutura e realidade, o que nos faz compreender as atitudes e posturas tomadas pelos pais no que diz respeito ao tema.

Sendo assim, de acordo com os objetivos do presente estudo acerca da percepção por parte das mães/pais e responsáveis sobre o uso de telas, percebemos que as opiniões se dividem. Contudo, temos um grande número de pais que entendem o contexto atual em que vivemos, em que as crianças se encontram conectadas com o mundo tecnológico, e que o contato acaba sendo inevitável. Foi possível identificar que as crianças usam com preponderância a TV e o celular. Também fazem uso de tablet, computador/notebook e videogame. O uso dos itens citados se validam com base na coleta de dados pela justificativa das mães/pais e responsáveis sentirem a necessidade de entreter as crianças enquanto trabalham ou fazem atividades domésticas. Algumas não possuem acesso em função da idade e poucas crianças fazem o uso livremente por concordância das mães/pais. Porém, de acordo com os responsáveis, quem acessa precisa ser acompanhado de perto para que os limites se estabeleçam. Como mostrado nas categorias elaboradas em função do conteúdo analisado, o uso dos aparelhos se divide em diversas funcionalidades, como: jogar, assistir filmes, acessar redes sociais e ver vídeos no *Youtube*. Sabendo disso, é preciso que se determine um equilíbrio, como comprovam os discursos da maioria dos colaboradores. Para eles, é necessário pensar no uso consciente e intencional do recurso, tanto para uso interativo como pedagógico. Embora tenhamos alcançado muitos participantes, ainda não é possível generalizar os dados encontrados, outros estudos podem ser realizados para gerar mais desdobramentos quanto à essas questões, como as relações socioeconômicas dos participantes, desenvolvimento pedagógico comparativo das crianças que possuem mais ou menos tempo acesso às telas, e ainda, as organizações familiares que justificam esse acesso.

A partir das configurações familiares da nossa sociedade, entendemos que é necessário legitimar as necessidades que levam ao uso das telas/tecnologias. Como

proposta para novas pesquisas no campo de estudo, podemos sugerir a educação midiática como uma ferramenta, para que não somente os pais, como também a sociedade de um modo geral, possa entender suas funcionalidades e potencialidades, e, dessa forma, desenvolver um uso consciente das telas.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUCKINGHAM, David. Cultura, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias**. Ed. São Paulo. Loyola. 2007.

CALIXTO, Douglas; LUZ-CARVALHO, Tatiana Garcia; CITELLI, Adilson. Entrevista com David Buckingham: a Educação Midiática não deve apenas lidar com o mundo digital, mas sim exigir algo diferente. **Comunicação e Educação**. SP. n. 2. pp. 127 a 137. jul/dez, 2020.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Estudo nº II: Importância dos vínculos familiares na primeira infância**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em: 24 Abr. 2023.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ESTIGARRIBIA, Fabiana. **O brincar e a interferência da tecnologia**. Unijuí Universidade Regional, 2018. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5841?show=full> Acesso em: 12 jan. 2023.

FIORIN, Pascale. PATIAS, Naiana. DIAS, Ana. Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos. **Revista sociais e humanas**. Santa Maria. V. 24, N. 2, p. 121-132. jul/dez 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2880/2859> . Acesso em: 20 mar. 2023.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica; PEREIRA, Rogério Santos. **Crianças e mídias: três polêmicas e desafios contemporâneos**. **Cadernos CEDES** [online]. 2021, v. 41, n. 113 pp. 33-43. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC231532>. Epub 15 Jan 2021. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/CC231532>. Acesso em: 20 de Fev. 2023.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MCCRINDLE, Mark. **Understanding Generation Alpha**. New South Wales: The McCrindle Blog, 2009. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/search/alpha/>. Acesso em: 14 jan. 2023.

MENETTI, Sandra, Aparecida, Pagliaci, Pulino. **O comprometimento organizacional da Geração Y no Setor de Conhecimento Intensivo**. São Caetano do Sul: USCS. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2013.

MINAYO, Maria. Cecília. Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOTA, Janine. **Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v.6, n.12, p. 372 - 380, agosto de 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes et al. **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 26, n. 3, pp. 1127-1136. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>. Acesso em: 1 Maio 2022.

OLIVEIRA, Nedra. Maria. de; MARINHO, Simão. Pedro. Pinto. **Tecnologias digitais na Educação Infantil: representações sociais de professoras**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 2094–2114, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i4.14068. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14068>. Acesso em: 27 mar. 2023.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991

PATRÃO, Ivone; MACHADO, Mariana; BRITO, Rita. **O funcionamento familiar, o bem-estar e o uso da internet**. In: PATRÃO, Ivone; SAMPAIO, Daniel (org.). Dependências online: o poder das tecnologias. Lisboa: Pactor, 2016.

PIMENTEL, Fernando Silvio Cavalcante. **A aprendizagem das crianças na cultura digital**. Maceió: EDUFAL, 2017. 203 p.

PRECIADO, Paul. B. **Aprendiendo del virus**. In: AMADEO, Pablo. (Éd.)Sopa de Wuhan. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, p. 163-185.

SARMENTO. Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Universidade do Minho-Instituto de Educação, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, p. 9-34, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. **Cadernos do Noroeste**, Porto, v. 13, p. 145-164, 2000

SETZER, Valdemar W. **Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos**, 2014. Disponível em <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>. Acesso em: 07 de mar. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Manual de orientação: #menos telas #mais saúde**. Rio de Janeiro: SBP, 2019

SOUZA, Joseilda Sampaio de. **Brincar em tempo de tecnologias digitais móveis**. Tese de doutorado em educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28762/3/Joseilda.pdf>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2023.

SOUZA, Sonimar de; MARQUES, Kelin Cristina; REUTER, Cézane Priscila. **Tempo de tela acima das recomendações em crianças e adolescentes: análise dos fatores nutricionais, comportamentais e parentais associados**. J. Hum. Growth Dev., São Paulo, v. 30, n. 3, p. 363-370, dez. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822020000300005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 10 maio 2022. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.v30.11067>.

SOUZA, Isabel. Maria. Amorim. SOUZA, Luciana . Virgília. A. **O uso da tecnologia como facilitadora da aprendizagem do aluno na escola**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, V.8 | jul-dez de 2010.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das> Acesso em: 06 Dez. 2022.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah. Moraes. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

WAGNER, Adriana. MOSMANN, Clarisse. Pereira. DELL'AGLIO, Debóra. Dalbosco. FALCKE, Denise. **Família e internet**. Col. E Agora.com – A era da informação e a vida cotidiana. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010.